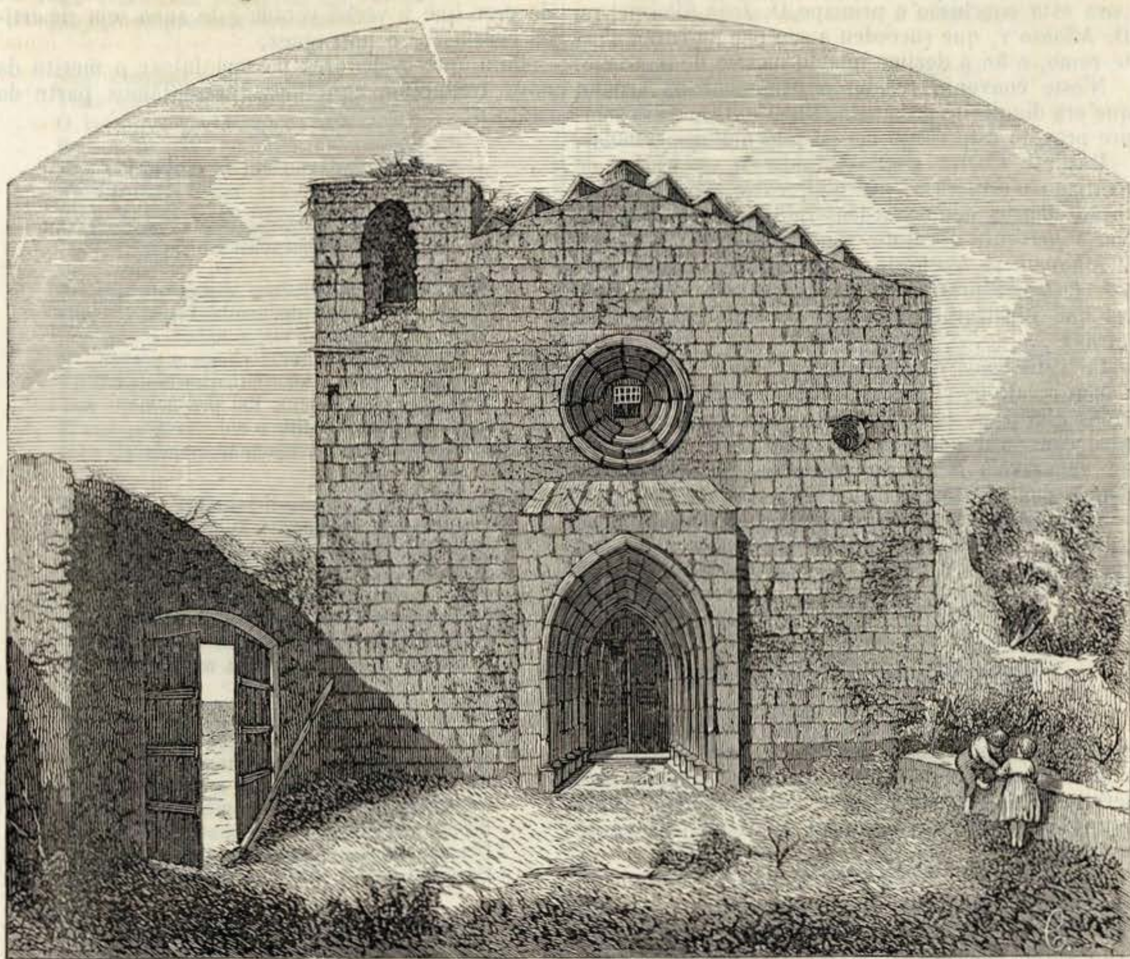


Convento de Palmella — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho Junior

Com o desenho do castello de Palmella, a pag. 313 do corrente volume, démos algumas noticias a respeito da antiguidade d'esta villa, do seu castello moirisco, e da fundação do convento que el-rei D. João I alli mandára edificar para residencia dos freires, e cabeça do mestrado da ordem de Santiago.

Hoje, dando a gravura do frontispicio da egreja do mesmo convento, poucas mais acrescentaremos.

Como ao apostolo Santiago tocou por sorte a prégação do evangelho na Hespanha, o tomaram os hespanhoes para seu patrono; e depois, gratos ao auxilio que lhes prestava este santo, cujo nome invocavam como grito de guerra nas batalhas contra os moiros, instituiram a ordem militar que ainda hoje subsiste.

Quasi todos os nossos antigos escriptores remontam a fundação da ordem de Santiago ao seculo IX, seguindo a lenda da batalha de Clavijo, ganhada aos infieis por el-rei D. Ramiro I de Leão, na qual se diz, que o santo apostolo entrára na peleja, bem montado, acutilando e derribando centenares de moiros, pelo que a ordem, que dizem se instituíra logo depois d'essa batalha, tomou por insignia a terrivel e victoriosa espada.

Mas a opinião hoje seguida, á vista de documentos desconhecidos dos antigos, é que esta ordem foi instituida em 1170, reinando Affonso VIII em Castella, e Fernando II em Leão, fazendo voto os cavalleiros que n'ella professavam, de empregarem toda a sua vida, e gastarem toda a sua fazenda, na continuação da guerra contra os moiros.

Foi por este voto, que os cavalleiros de Santiago, sabendo que D. Affonso Henriques estava cercado em Santarem pelo rei moiro de Sevilha, vieram soccorrel-o; e tão prestante foi o auxilio, que o nosso primeiro monarcha admittiu logo esta ordem no seu reino, fazendo-lhe doação de muitas villas e logares.

Tambem elles o ajudaram na conquista de Lisboa; pelo que D. Affonso lhes deu a ermida dos santos martyres Verissimo, Maxima e Julia, á beira do Tejo, para ahi fazerem convento. Aqui assistiram, até que, tomando o mesmo rei a villa de Alcacer do Sal aos moiros, a deu aos cavalleiros de Santiago, que tomaram posse do castello, e sagraram a mesquita de que fizeram convento para a ordem, obra sumptuosa, de que hoje apenas restam vestigios.

Sancho II, conquistando a forte villa de Mertola, fez d'ella praça de armas e fronteira da Andaluzia, ordenando que a defendessem os cavalleiros de Santiago, e que passassem para ella o seu convento.

Aqui esteve a séde d'esta milicia religiosa, desde 1239 até que em 1423 (e não 1443, como por lapso

de revisão se lê a pag. 314 d'este vol.), el-rei D. João I, sendo mestre da ordem o infante D. João, seu filho, mandou que o convento mestral e cabeça da ordem fosse no castello de Palmella.

Este convento foi feito com muito vagar, porque só em 1482 se acabaram as obras, concorrendo muito para esta conclusão o principe D. João filho del-rei D. Affonso V, que succedeu a seu pae na coroa d'este reino, e foi o decimo quarto mestre de Santiago.

N'este convento residia o prior-mór da ordem, que era dignidade prelaticia, tinha mitra, e era sempre provido este cargo em pessoas mui qualificadas.

Durante quatro seculos residiram os freires de Santiago n'esta casa, até que, extincta esta corporação com as demais ordens religiosas em 1834, ficou o convento devoluto, e o templo secularisou-se.

Ninguem se lembrará já de que alli jazem muitos mestres e priores-móres, da tão longa serie d'elles que illustraram Portugal pelas armas e pelas letras?

Já o dissemos e repetimos: se não é possivel ter a bom recato as cinzas, o jazigo dos nossos antepassados gloriosos, porque o estado não tem recursos para conservar todos os edificios onde se acham essas veneraveis reliquias, trasladem-se para algum templo dos que temos bem amplos para o effeito.

São muitos os finados que tem jus a um logar n'esse pantheon; mas agora caberão em pouco espaço os que encheram o mundo de sua fama e nossa gloria!

NOVA TRADUCÇÃO DO TASSO

Em todas as linguas cultas está vertida a grande epopéa da conquista de Jerusalem pelos christãos; o mais bem acabado poema épico dos tempos modernos, aquelle a que os criticos dão a palma, sobre tantos que tem honroso logar no templo da musa heroica.

No seculo XVII foi a *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso traduzida em portuguez por André Rodrigues de Mattos, [1] e no seguinte, Pedro de Azevedo Tojal, começou a refazer a versão do seu antecessor, melhorando algumas estancias, peorando outras, e copiando quasi textualmente muitas d'ellas. Comtudo isto, não passou do VI canto; ao menos é o que deixou impresso, n'um volume de oitavo, com o original ao lado.

A versão de Mattos tem sido julgada variamente; se porém se attender á vantagem que a lingua e metrificação italiana leva á portugueza, ninguem desconvirá que elle arcou com difficuldades quasi insuperaveis, para traduzir oitava por oitava, de tão longo, e, em partes, obscuro poema. O que se lhe não póde contestar é o direito de prioridade; nem os muitos e merecidos louvores que os entendedores tem prestado a André Rodrigues de Mattos.

Era comtudo desejada outra versão, em que a poesia moderna, mais bem dotada e polida que a antiga, resplandecesse na trasladação de tal epopéa para o nosso idioma.

Um poeta novel, mas já bem estreiado na imprensa, com um volume de poesias, [2] se dedicou a esta laboriosa tarefa, e conseguiu leval-a a cabo.

Tem a versão do sr. José Ramos Coelho merecido a approvação dos peritos, e tanto que o sr. Alexandre Herculano a recommendou como obra que devia, desde já, ser contemplada na distribuição da verba do orçamento que se destina para auxiliar a impressão dos livros uteis, taes como o *Diccionario Bibliographico*, do sr. Innocencio; o *Camões*, do sr. Juromenha; a *Historia Portugueza*, do sr. Rebello da Silva, que se estão estampando na imprensa nacional.

Sabemos que já se requereu isto ao governo, e é de crer que a verba votada este anno seja repartida com o Tasso portuguez.

Para que os leitores possam julgar o merito da nova traducção, aqui lhes apresentâmos parte do canto II.

EMBAIXADA DO REI DO EGYPTO

FRAGMENTO DE UMA TRADUCÇÃO INEDITA DA JERUSALEM LIBERTADA, DE TORQUATO TASSO

Emaús de Sião pouco é distante;
Se de uma partir de manhã clara,
Por acaso, moroso viajante,
Á outra ás nove horas chega e pára.
Que nova para o exercito prestante!
Como os pios desejos lhe prepára!
Mas, como do zenith o sol passava,
O chefe as tendas assentar mandava.

Já eram preparadas, e remota
Pouco a luz do oceano ia apagar-se,
Quando, com ar estranho e veste ignota,
Dois illustres barões vêem chegar-se.
Seu aspecto pacifico denota
Que amigos vem ao chefe apresentar-se.
São do grão rei do Egypto mensageiros,
E trazem muitos pagens e escudeiros.

É um Aletes, que principio teve
Da plebe rude e vil no seio immundo,
E que o subir ás móres honras deve
Ao seu fallar astuto, alto e facundo,
Ao modo brando, e ao vario genio e leve,
Prompto em fingir e no enganar profundo;
De calumnias é mestre, e d'ellas usa,
De sorte que se crê que louva e accusa.

O outro Argante é, circassiano,
Que á grande corte fôra ter do Egypto;
Hoje, satrapa feito, vive ufano
Entre os maiores da milicia inscripto.
Impaciente, duro, deshumano,
Infatigavel na peleja e invicto,
Zomba de toda a crença, e no seu erro
Tem por lei e razão da espada o ferro.

Como audiencia pedissem, no aposento
Onde era Godofredo ambos entraram,
E em trajo simples, e em humilde assento
Entre os seus cavalleiros o encontraram.
Mas serve-lhe a modestia de ornamento,
Com a qual os seus dotes mais se aclaram.
A fronte apenas inclinou Argante,
Qual homem soberboso e arrogante.

Porém a mão Aletes poz no peito,
E, a cabeça e os olhos abaixando,
Dos seus segundo o modo, com respeito
O saúdou, suas honras offertando.
Depois principiou, em rio desfeito
De doce mel o seu fallar manando;
E porque já do syrio os francos eram
Senhores, seu discurso perceberam.

Ó tu que digno o céo achou sómente
De tão grandes heroes levar á gloria,
Aos quaes com forte mão, peito prudente,
Já reinos deras antes e a victoria,
Passou o estreito herculeo e o mar fremente
A fama tua, a todos nós notoria,
E aos mais povos tambem, pelo que ha dito
Dos feitos teus e teu valor o Egypto.

[1] Sobre este nosso classico, lêa-se o que diz, com boa critica, o nosso collaborador Innocencio Francisco da Silva, no seu *Dicc. Bib.* t. 1. pag. 69.

[2] Preludios poeticos de J. Ramos Coelho. Um volume de 300 pag. de 8. — Lisboa. 1857.

Todos o nome teu, que elle levanta,
Ouvem, qual maravilha não sabida;
Mas ao pasmo geral, que tudo espanta,
Meu rei sente a alegria reunida;
Nem receia ou inveja gloria tanta,
Antes é por sua bocca repetida
Mil vezes com prazer, e sua vontade
Hoje é só procurar tua amizade.

Sim, comtigo amizade e paz deseja,
Visto que o tempo azado o favorece;
O laço que vos ligue o valor seja,
Pois a diversa crença o não padece,
Mas porque ouviu que tu para a peleja
Te armaste, o que ora certo lhe parece,
Para do reino seu fóra lançares
O rei amigo, e d'elle te apossares;

Propõe, antes que mal d'ahi provenha,
Que do que has ganho já te satisfaças,
Por que a Judéa a doce paz mantenha,
E que a quanto protege mal não faças;
Firmeza em paga elle fará que tenha
Teu debil reino; se este accordo abraças,
E vos unis, quando é que o turco e o persa
Hão de sua sorte melhorar adversa?

Em pouco muitos feitos acabaste,
Acções que respeitar hão de as edades,
Fomes, ingratas marchas supportaste,
Exercitos venceste, mais cidades,
E as provincias longinquas atterraste
Co'a voz da fama, com que tudo invades.
Podes inda ganhar nova victoria
E terra, porém não ganhar mais gloria.

Ao teu zenith subiste; d'ora ávante
Deves buscar fugir a gloria incerta,
Que só terreno alcanças triumphante,
E mais c'roas a gloria não te offerta;
Antes, sendo vencido, n'um instante
Perdes tudo, e a ruina terás certa.
Pôr o ganho e o muito, contra o pouco
E duvidoso, é jogo audaz e louco.

Mas o conselho d'esses a quem peza
Que muito tempo o havido outrem conserve,
E o ter sempre vencido em toda a empreza,
Junto á vontade natural que ferve
Em os maiores peitos mais accesa,
De haver mais quem o sirva e a lei lhe observe,
Farão que a paz tu fujas mais que a dura
Guerra fugir outro qualquer procura.

Hão de exhortar-te a proseguir na estrada
Que a teus passos o fado abriu tamanha,
A não depor essa famosa espada,
Que a victoria feliz sempre acompanha,
Té ser a lei de Mahomet prostrada,
E a Asia ermar a bellicosa sanha;
Doces conselhos são, doces enganos,
D'onde podem provir extremos damnos.

Mas, se a paixão os olhos te não cerra,
Nem da razão o lume te escurece,
Verás, seja qual for a nova guerra,
Que não esp'rança, mas temor te off'rece.
A mudavel fortuna varia erra,
Ora ventura, ora desgraças tece,
E áquelles cujo vôo foi mais alto,
Mais perto põe do precipicio o salto.

Se acaso contra ti se move o Egypto
De armas, de oiro e conselho poderoso,
E se o turco da guerra sólta o grito
Co'o filho de Cassano, e o persa iroso,
Que oppões ao seu poder grande, infinito?
Que abrigo tens, ó chefe cauteloso?
Irás acaso pôr a confiança
Do rei dos gregos na firmada alliança?

Quem dos gregos a fé ainda ignora?
Bem deves conhecel-a, que a provaste
Por vezes mil, pois sempre na traidora
Gente insidias apenas encontraste.
E ha de a vida por ti expor agora
Quem ao passar contrario exp'rimentaste?
Ha de te dar o sangue, o que a estrada
Te negou por seu reino, a todos dada?

Mas talvez a esperança tu puzeste
N'esse exercito que ora te rodeia,
E esses, que espalhados já venceste,
De vencer reunidos tens a ideia.
Pois não notas a gente que perdeste
Na crua guerra de desgraças cheia?
Não vês co'o persa e o turco unido o egypcio,
Novo inimigo para o teu exicio?

Ainda que supponhas que é teu fado
Pelo ferro jámais seres vencido,
E que tudo quanto has imaginado
Por decreto do céo vejas cumprido,
Ficarás pela fome subjugado;
Por quem és n'esse caso soccorrido?
Tira contra ella a espada, vibra a lança,
E vê se de vencel-a tens esp'rança.

A previdente mão dos habitantes
Os campos destruiu, e em forte muro
Do dia em que chegaste dias antes
Quanto produz a terra poz seguro.
Como has de os cavalleiros e os infantes
Sustentar? que farás em tal apuro?
Dirás que tens a armada bem provida;
Então dos ventos pende a tua vida?

Acaso tua fortuna aos ventos manda,
E suas iras, se quer, prende ou desliga?
O mar, que aos nossos ais se não abranda,
Uma palavra tua tanto obriga?
Não poderemos nós por outra banda,
Com o turco e o persa em forte liga,
Congregarmos armada tal, tamanha,
Que da tua se possa oppor á sanha?

Duplicada victoria necessitas
Para sair-te bem qualquer empreza.
N'uma derrota só, desacreditas
Teu nome, ou soffres damno que mais peza;
Pois, se perdes a frota precipitas
Os teus, que á fome entregas, triste preza,
E, se vencido és, victoriosos
Em vão serão teus lenhos poderosos.

Porém se em tal estado inda preferes
Rejeitar do rei nosso a alta amizade,
Do que és, do que tens sido bem differes!
Perdoa-me se digo esta verdade.
Ah! se tu renovar a lucta queres,
Mude-te o ceo superno essa vontade,
Porque a Asia respire e dispa os luctos,
E tu gozes tambem da gloria os fructos.

E vós, seus companheiros nos azares,
Nos perigos, na lida e vencimento,
Não vos enganem da fortuna os ares,
Na guerra não ponhaes o pensamento,
Mas, qual nauta escapado aos grossos mares,
Que o barco recolheu livre do vento,
Deveis de amainar as soltas velas,
Nem mais ao mar vos entregardes n'ellas.

Calou-se, e o seu fallar logo seguiram
Os heroes em voz surda murmurando,
Nos seus nobres semblantes do que ouviram
Claros signaes de indignação mostrando.
O capitão por quatro vezes viram
Volver em roda a vista os seus fitando,
Té que no mensageiro, que esperava
Que lhe désse resposta, os olhos crava,

E diz: brando e soberbo propozeste
Do teu rei o recado, o qual, se ama
A mim e aos feitos meus, como expozeste,
Mercê me faz que o affecto meu inflamma.
Quanto á guerra que contra nós preveste
Do paganismo unido em firme trama,
Responderei com toda a liberdade,
Qual costumo, mas com simplicidade.

Sabe que tudo quanto supportâmos
Ou sobre o mar, ou sobre a terra dura,
É sómente por ver se franqueâmos
Caminho até de Christo á sepultura,
Co'o que de Deus a graça mereçamos,
Livrando Sião da escravidão impura.
Para tamanho feito cremos leve
Reinos, honras perder, e a vida breve.

Não nos levaram, não, a esta empreza
Da ambição os estimulos (arrede
De nós o Eterno Padre essa vileza,
Se por acaso algum de nós lhe cede,
Nem consinta que adoce tal torpeza
Bello veneno que o viver impede).
Sua santa mão que os corações abranda
Foi só que nos moveu, e que nos manda.

Por ella entre embaraços conduzidos
Fomos, a mil perigos escapando,
Ella é que aplana os montes mais erguidos,
E os caudalosos rios sécca, acenando;
Aplaca o mar, e os ventos desprendidos,
Torna o estio fresco, o inverno brando;
É ella que entra os muros, que batalha,
Que vence armadas hostes, e as espalha.

D'ella nos vem a esp'rança e atrevimento,
E não de nossas forças já cançadas,
Nem da armada ou de todo o ajuntamento
De nações pela Grecia e franco armadas.
Tenhamos nós do ceo o valimento
E sejam as mais coisas desprezadas;
Quem o conhece e viu como defende
E fere, outro soccorro não pretende.

Mas inda que sem elle nós fiquemos
Por culpa nossa ou por seus fins occultos,
Como alegres á terra desceremos,
Onde os restos de Deus foram sepultos!
Mortos, inveja aos vivos não teremos;
Os nossos corpos não serão inultos;
Nem a Asia rirá da nossa sorte,
Nem choraremos nós a nossa morte.

Emtanto que fujamos não se creia
A paz bem como a guerra assoladora.
Ninguem do teu monarcha a alliança odeia,
Sua amizade até grata nos fôra.
Mas, se não lhe pertence inda a Judêa,
Porque razão tanto a defende agora?
Deixe-nos conquistar dos mais a terra,
E a sua reja ledo, e sem ter guerra.

Assim responde; e com furor ardente
A resposta d'Argante o seio parte;
Nem o occulta, mas com voz fremente
Se chega ao capitão, e diz d'est'arte:
Paz não queres; pois bem, guerra sómente
Haverá entre nós, guerra vou dar-te;
Claro desejo d'ella demonstraste,
Já que as nossas propostas recusaste.

N'isto pela aba toma a veste sua,
E, apanhando-a na fórma de regaço,
Ainda mais irado continúa,
Pintado no semblante fero ameaço:
Aqui tens n'este manto á espera tua
Guerra e paz, de uma offerta aqui te faço;
Escolhe, homem soberbo, sem tardança,
Já que no tão incerto has esperança.

Como tal altivez todos movesse,
Guerra, guerra soou em tom guerreiro;
Que ninguem aguardou que respondesse
Godofredo do Egypto ao mensageiro.
Este, soltando o manto, guerra offrece:
Meu rei, tornou, para ella vos requeiro.
Assim fallou, e tão feroz o disse,
Qual se de Jano ao templo a porta abrisse.

Dirieis que do manto lhe saira
Com o louco furor discordia fera,
E que nos olhos seus arder se vira
De Alecto o rubro fogo e o de Megera.
O altivo que chamou de Deus a ira
Querendo ao ceo subir certo assim era,
Babel assim o viu a fronte alçando,
As estrellas e o sol ameaçando.

Dizei ao vosso rei que o esperâmos,
E que se apresse, torna Godofredo;
A guerra que offerece lhe acceitâmos;
Se não vier ao Nilo seu bem cedo,
E ao proprio reino seu buscal-o vamos.
Com presentes depois, e gesto ledo
Os despediu; a Aletes deu brilhante
Elmo, que houve em Nicéa triumphante.

Coube a Argante uma espada; é pedraria
E oiro o punho d'ella; tão bem feita
Que lhe excede o trabalho a alta valia,
De artifice sublime obra perfeita.
Depois que elle notado attento havia
A tempera, a riqueza e o que a enfeita,
A Godofredo disse: bem depressa
Verás teu dom como a servir começa.

Assim se despediram. Por Argante
Foi co'o seu companheiro concertado:
Que este, mal despontasse o sol brilhante,
Partisse para o Egypto co'o recado.
Quanto a elle co'a noite iria adiante,
Caminho de Sião, pois escusado
Era o prestimo seu para onde ia
Aletes, e entre as armas se queria.

Assim de mensageiro em inimigo
Se torna; se faz bem ou mal não cura;
Se offende das nações o uso antigo
Nem sequer em tal pensa n'alma dura.
Sem resposta esperar vae pelo abrigo
Da paz nocturna, e pela treva escura
Para Jerusalem impaciente.
Nem menos a demora Aletes sente.

José Ramos Coelho

THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

I

Hoje 20 de janeiro de 1861, á hora em que vou traçando estas linhas, acabam de completar-se justamente quarenta e cinco annos (se não falham as memorias que tenho á vista) depois que no de 1816, pelas seis da tarde de egual dia, um exiguo prestito, formado de poucos mas fieis e magoados amigos, regressava, taciturno, da egreja velha do hospital de S. José. Ahi deixára escondidos na mudez do sepulchro, dentro em pouco ignorado, os restos mortaes de um pobre sexaginario, que no dia anterior havia tocado o termo da sua atribulada carreira.

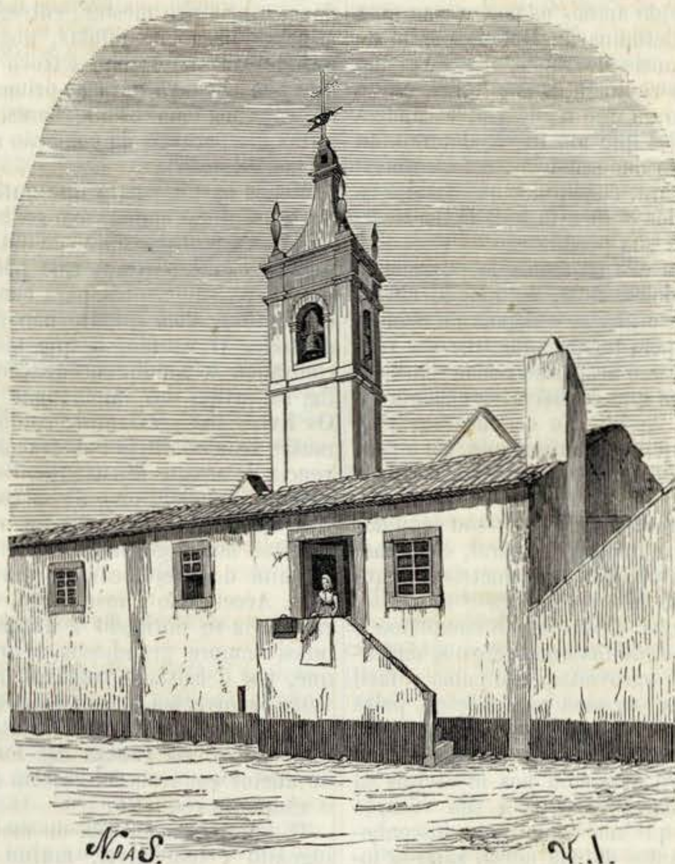
De todos os que então tomaram parte no piedoso cortejo, um só, segundo creio, ainda vive: graças á Providencia, que o exemptou até agora de solver esse tributo inevitavel, que pésa sobre a humanidade, e que os antigos companheiros satisfizeram, desapparecendo successivamente da face da terra! Cha-

ma-se José Pedro da Silva; é o chefe dos continuos da camara hereditaria. Se o sol de 11 de abril proximo futuro luzir para elle, contará n'esse dia os seus oitenta e nove annos!

Quem era, porém, aquelle sobre cujo cadaver se fechára a campa, preenchidas que foram as preces e ceremonias deputadas pela religião, para invocar, em favor dos finados, as misericordias do Todo-Poderoso? Um homem que vivêra no mundo como exemplo do systema das compensações, pelo qual a Deus apraz regular e dirigir o universo. Ingenho penetrante, vasta intelligencia, imaginação fecunda e vigorosa; todas estas faculdades, alojadas em um corpo enfermo, debil e mal conformado. Nascido em berço humilde; envolvido, durante a infancia, nas faxas da pobreza; vendo na quadra da adolescencia sorrir-se-lhe por alguns dias a fortuna, acenando-lhe com esperanças de futuras pros-

LOGARES MEMORAVEIS

III



NASCEU

Casa onde ~~falleceu~~ o poeta portuguez Thomaz Antonio dos Santos e Silva, fronteira á porta do cemiterio da Misericordia de Setubal

peridades, para ser, ainda antes da virilidade, perseguido por uma serie sempre crescente de infortunios, que para elle só findaram com a vida, e que jámais lhe permittiram desenvolver, em larga escalla, os seus recursos intellectuaes.

Tal foi Thomaz Antonio dos Santos e Silva, um dos nossos mais sublimes, e (diga-se a verdade) ao mesmo tempo mais defeituosos poetas; mas que, apesar dos seus defeitos, não deixou de illustrar a nação a que pertenceu, e de merecer saudosas recordações á terra que o viu nascer.

Honremos, pois, o seu nome do modo possivel, revocando-o do esquecimento a que parece querer arrojal-o a diuturnidade do tempo: dediquemos uma pagina á narrativa das suas desgraças, e outra á commemoração dos fructos mais ou menos sazonados do seu innegavel talento.

II

Nem todos os meus leitores veriam ainda a gravura que, representando o vulto do nosso poeta, adorna a edição feita em 1815 da sua epopéa, a *Brasiliada*. Justo é pois dizer aos que o não saibam, que (se podêmos fiar-nos na exactidão da legenda annexa á mesma gravura) elle nascêra a 12 de abril de 1751, e que tivera por patria a populosa e antiga villa de Setubal, elevada recentemente á categoria de cidade. Ahi mesmo estava destinado a ver a luz, quinze annos mais tarde, outro cultor das musas, o insigne Bocage, poeta se não superior áquelle seu patricio nos quilates do engenho, por certo de mais depurado gosto, e que soube encobrir com as graças nativas da sua metrificação, sempre fluente, correcta e harmoniosa, a mingua de estudos regula-

res, em que o outro lhe levava indisputavel vantagem.

Os progenitores de Santos e Silva, pessoas, ao que parece, de condição obscura, e que pouco deviam á fortuna, habitavam em casa não propria, de cuja fachada, tal como se conserva, foi ha pouco tirado o desenho, que o «Archivo Pittoresco» apresenta no principio d'este artigo.

Impossibilitados, pela falta de meios, de darem a seu filho qualquer educação litteraria, correu esse encargo á conta do padrinho, que era um desembargador por nome Thomaz da Costa de Almeida Castello-Branco, varão respeitavel por letras e virtudes, se devemos fiar-nos na pintura que d'elle nos deixou nos seus versos o pupillo agradecido.

A natureza, que parece pouco propensa a consentir desegualdades nas creaturas, contrabalançando muitas vezes a superabundancia dos dotes intellectuaes com incommodos physicos, fez que Santos e Silva nascesse aleijado de ambos os pés, e com uma compleição fraca e valetudinaria. Dotado porém de summa penetração e ancia de saber, deu de si tão rapidos progressos nos rudimentos das letras, que o seu protector satisfeito do que n'elle via, e condescendendo com os desejos que mostrava, determinou franquear-lhe a estrada das sciencias, e foi resolvido que iria para Coimbra, concluidos que fossem os preparatorios necessarios para a faculdade da Medicina, por ser esta a da sua predilecção.

Assim correram para elle os annos de puericia, e despontaram os da adolescencia, estudando entretanto as linguas latina e grega, e depois os modernos idiomas. Chegou pelo tempo adiante a ser versado no italiano, francez e hespanhol; mas sobre todas as linguas vulgares que conhecia, deu sempre a preferencia á ingleza. Assim m'o certificaram pessoas que viveram com elle em intimidade. Se a preferencia era ou não plausivel e fundada, decida-o quem podér e quizer.

Entrado nos estudos secundarios, cursou seguidamente os da philosophia racional e moral, e da rhetorica; applicando-se tambem á geometria e algebra, e por fim aos da historia antiga e moderna, geographia e chronologia. D'este modo completou o curso chamado então, e muitos annos depois, de humanidades; e com tal aproveitamento como é facil de ver aos que folheam as suas composições, pelas quaes se encontram derramadas, profusamente, especies que bem patenteam sua erudição e saber.

A leitura de Homero o iniciou nos mysterios da arte; e não tardou em revelar-se a sua vocação para a poesia. Posto que nos sejam hoje desconhecidos os primeiros vagidos da sua musa, sabe-se todavia que na edade madura se comprazia elle em narrar aos seus amigos, como principiára a versificar aos quinze annos de edade, e como antes dos vinte compunha já algumas peças, que mereciam louvores e applausos áquelles de seus patricios que podiam ter voto na materia. Depois de Homero, Young era o seu auctor favorito, e conta-se que ainda nos derradeiros annos se regozijava repetindo de cór os melhores trechos das «Noites» do poeta inglez, que conservava tenazmente impressas na memoria.

Antes de passar a Coimbra quiz ainda estudar a chimica e pharmacia, e deu-se a estas sciencias com o mesmo ardor que o acompanhava em tudo o que emprehendia. Eis que um accidente imprevisto e doloroso veiu cortar em flor as suas esperanças, e derrocar pelos fundamentos o edificio da sua felicidade futura, aniquilando para sempre a execução dos projectos, que deviam assegurar-lhe uma situação estavel e independente. A morte do bemfeitor, sobre cujos auspicios se lisonjeava de chegar ao termo da carreira começada, foi para o mancebo uma perda irreparavel, e o primeiro ensaio de outros golpes não menos profundos, que a desgraça lhe preparava.

III

Despertado pela funesta realidade dos seus sonhos de ventura, teve Thomaz Antonio de conformar-se com a sorte, e procurar algum expediente para haver os meios de subsistencia que lhe falleciam no estado de desamparo em que ficára. Occorreu-lhe por mais prompto o de tirar partido da pharmacia, na qual adquirira instrucção bastante para ser, como foi, admittido em uma botica da sua patria. Miseravel recurso! Conjuradas em seu damno a fortuna e a natureza, negára-lhe uma os cabedaes necessarios para mestre, e a outra a agilidade indispensavel a um bom official. Teve, pois, de vegetar, ou antes de languecer, durante alguns annos, n'aquelle desagradavel e prosaico mester, entregue de dia e de noite á manipulação de pilulas, unguentos, e mais preparados officinaes; isto a troco de um tenue salario, que mal chegava para as primeiras urgencias da vida, sujeito a todos os dissabores, incommodos e amarguras inseparaveis da condição servil, que facilmente se imaginam!

Menos bastaria para que outro, no logar do joven poeta, sentisse embotarem-se-lhe de todo as faculdades, e extinguirem-se-lhe de uma vez para sempre, os fogos do enthusiasmo. Elle póde tirar do seu animo forças sufficientes para contrastar os rigores da desventura, com quanto não conseguisse vencel-os de todo. O estudo, a que tão cedo se habituára, continuou a ser-lhe occupação nos momentos que lhe sobravam das importunas tarefas profissionaes. Os livros lhe serviam de conforto, e no cultivo das musas achava allivio e distracção. Alheado da convivencia de amigos illustrados, com quem podesse discutir e aprender, teve de soccorrer-se unicamente a si, e dever tudo aos proprios esforços. Mas se d'ahi resultou maior gloria ao seu talento, não deixou essa falta de prejudicar em muito as suas composições. Acceitando a inspiração, tal como se lhe deparava, via-se obrigado a traduzir os pensamentos, quasi sempre grandiosos e arrojados, em phrases que, por demasiado vulgares, mal polidas, e muitas vezes incorrectas, amorteciam o brilho das idéas, ou as desfiguravam grosseiramente, denunciando-se, a cada passo, na rudeza das fórmas, a incapacidade do auctor em accordal-as com o estilo e locução que o assumpto requeria.

O amor, essa paixão, ou melhor, esse sentimento ingenito e indefinivel, mutuo pendor de attracção nos dois sexos, que se reveste de fórmas tão differentes, e que de ordinario impera com mais violencia sobre os homens de imaginação fogosa e extasiada, quaes costumam ser os poetas, não tardou em prender nos seus laços o coração de Santos e Silva, com promessa de venturas que não lhe era dado fruir. Namorou-se elle de uma donzella sua patricia, cujo nome e qualidades pessoaes são hoje mysterios occultos a investigações: foi correspondido, e lisonjeava-se de ver em breve cumulados os seus votos, quando a morte se apressou em roubar-lhe o objecto amado; um cancro devorador a lançou á sepultura! Facilmente se crê quanto a perda lhe seria dolorosa, sabendo que á sua saudade devemos a composição do poema elegiaco «Sepultura de Lesbia», talvez o primeiro que, n'aquelle genero, se escreveu em portuguez, e que, embora mui longe de poder julgar-se perfeito, é comtudo um dos melhores florões da coroa poetica do seu auctor.

Não podendo já conservar-se em uma terra, que de continuo lhe apresentava tão amargas recorda-

ções, desejoso de melhorar de fortuna, e illudido, ao que se affirma, pelas promessas de um grande, que lhe offerecia amparo e protecção, Santos e Silva resolveu transportar-se para Lisboa, e dizer á patria um adeus, que os successos subsequentes tornaram para elle eterno.

(Continúa) INNOCENCIO DA SILVA

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

II

(Vid. pag. 366)

Á frouxa luz da lanterna examinára o sacerdote a morbida physionomia de Isabel, e adivinhára-lhe os padecimentos. Em braços a levaram pelos triangulares degraus da tortuosa escada, e depositaram o precioso fardo na casa que servia de cozinha, compartimento immundo e cheio de objectos extravagantes.

— Mudae-lhe a roupa, em quanto acudo com fogo para o lar.

— Ah senhor! enxugal-a-hei em quanto haja lume, porque não temos outra.

A severa fronte do clerigo annuviou-se, e silencioso trouxe alguma lenha, um enxergão de palha, uma manta de seda e lã, ao uso moirisco, e uma camisa grossa.

— Não posso offerecer-vos mais, nem melhor, — disse com sentimento; — despi essa criança, aquecei-lhe esta camisa com as raizes, enxugae-lhe o cabello, recostae-a no xergão, guardae-a bem, alimentae o fogo, e componde-vos com esta comida e esta manta, porque não ha outra coisa na minha rouparia, nem na minha cozinha.

— Pague-lhe a Virgem tanta caridade. Arranjar-me-hei aqui do outro lado do fogo; nós, os pobres, estamos affeitos a passar incommodos e trabalhos.

— Dae-lhe umas gotas d'este licor, e ceae este pedaço de carne.

E apresentou-lhe uma garrafa com licor, um copo, e um pedaço de carne.

O homem dos cabellos vermelhos era um philosopho; soldado na juventude corrêra muitas e longinquas terras, tomando como as abelhas o melhor de todas. Sabia muitas linguas, e com tanta facilidade lia nos pergaminhos velhos da escriptura arabe, como nas pedras antigas. Entendia de todas as coisas, curava enfermos, compunha canções com a musica apropriada, e em tudo o mais levava a palma aos da sua classe. Como todos os homens grandes, por defender os moiros, foi encarcerado na inquisição, d'onde saiu ao cabo de vinte annos, illeso da culpa de relapso. O doutor Graciano, desde então, amava a humanidade, sem querer trato com os homens, dava em esmolas todas as suas rendas, e occultava-se ao soccorrido. Vivia só na ultima casa da rua de Gomeres, vivenda temida no bairro, porque tinha *duende*. Estabeleceu observatorio no alto da casa, e laboratorio na sala terrea, domesticou um gato e uma cobra que apresára, em pequenos, no jardim da casa, e procurando apartar-se inteiramente do mundo, comprava de vez em quando o que lhe era mister para alimento, e lavava a roupa por meios chimicos.

Como iamos dizendo, passou a noite, mas não a febre da menina, segundo declarou o doutor Graciano; e este, regressando de celebrar o incruento sacrificio da missa, trouxe um grande cesto com todo o necessario.

Pero Antunez esperava-o já disposto para se ir em busca de nova pousada, e sua filha Isabel estava meio vestida, com a sáia ainda lenta da chuva.

— Que ides fazer? — exclamou ao vel-os n'aquella disposição. — Ides matar essa pobre criança! Tirae-lhe essa maldita sáia, abrigae-a bem, ateae o fogo, e disponde um caldo para lhe dar.

— Olhe que...

— Não procuraes trabalho?

— Procuro.

— Pois então, hoje ajudar-me-heis a compor o meu observatorio, que a chuva destruiu, e ámanhã a estacada da herdade.

— Só Deus vos póde pagar tão boa vontade.

Como o inverno ia sendo demasiadamente chuvoso, os pobres e faltos de trabalho andavam aos bandos, e o doutor, ainda que se restabeleceu Isabel, não quiz despedir os hospedes, receando que perecessem de fome. O trato que com elles tivera reconciliou-o com os homens, porque as virtudes mais se casam com a gente dos campos. — Pouco a pouco, o doutor foi perdendo a sua vida solitaria.

Pero Antunez occupou-se, pois, nos reparos da vivenda do doutor; e em pouco, salas e jardim tinham grande transformação.

Isabel começava a estar formosa; a sua belleza infantil encantava como os ramos de flores, como a aurora, como os sonhos em que de crianças vemos a gloria. A cutis era branca e transparente como o alabastro, suave como a folha da rosa de primavera; os cabellos loiros caiam-lhe, entrançados, até á delicada cinta; os olhos azues revelavam a doçura de um coração de pomba, porque a alma era-lhe ainda mais formosa que o corpo; gentileza, engenho, prudencia (tão rara n'aquella edade), exquisita sensibilidade, demonstravam-se nas suas acções. Era assim Isabel.

Uma grave e penosa enfermidade sobreveiu ao doutor, e então, mais que nunca, abençoou elle a hora em que recolhêra os pobres forasteiros, porque o trataram com affectos de irmão, com o carinho de mãe ou de esposa. Ao cabo de largos padecimentos, morreu o clerigo com a tranquillidade do justo.

Pero Antunez e sua filha ficaram por universaes herdeiros. Limitados eram os bens, porque se não estendiam a muito mais da casa e algumas granjas; porém com elles melhorou-se consideravelmente o estado e condição dos adventicios; sendo, além d'isso, esta herança occasião de impensados e maravilhosos factos, como o leitor verá.

III

Isabel completára quatorze annos, edade dos primeiros amores, no benefico e voluptuoso solo de Andaluzia; a compostura do rosto, a elegancia das formas, sua melancolia, e o olhar carinhoso dos claros e serenos olhos denunciavam-no.

Andava sempre fugindo da companhia de seu pae; inquieta durante o dia, pela noite desvelavam a pobre menina sonhos muito extravagantes ou muito agradaveis. Ao caír da tarde passeava pelas ruas do seu jardim, querendo occultar as indiscretas lagrimas que banhavam as suas pupillas, ao pé dos tetricos muros das Torres-Vermelhas.

Na vespera de S. João, pela tarde, ouviu que em uma granja immediata, as visinhas que tomavam o fresco, praticavam pelo teor seguinte:

— Veiu arrastando farrapos, e já tem sáia de panno verde...

— Com roupinhas do mesmo, mãe Candelaria, e...

— E com camisa fina, branca, engommada, pregada, e o collo guarnecido de cabeção carmesim, que lhe váe admiravelmente, porque a rapariga é um brinco de oiro.

— E gargantilha de pedras moiriscas; estas raparigas... mettem a mão no lume sem se queimarem...

— Tens maldita lingua, segoviana, porque o pobre senhor era mui caritativo.

— Pois sim! Veja aquelles sapatos com duas solas que a menina calça; as tranças apanhadas com fios de oiro; e o rosario de cristal e prata! Ora, mãe Candelaria, de certo appareceu o duende á loirinha.

— Não m'o recordes, que n'esta noite de S. João é que sáe a passear por estes campos. Em boa casa vivemos!... Pobre da minha irmã!...

— Deixae-me persignar! Jesus! Contae-me o fim de vossa irmã. — Não ficarei só no quarto esta noite.

— Has de saber, minha filha, que viviamos, minha mãe, minha irmã e eu, n'essa casa em que vivem agora os forasteiros, na *casa do duende*, ha já muitos annos, quando entrou aqui o imperador; não te lembrarás, eu era mui nova. Minha irmã primogenita começava a informar, e chorava muito porque lhe não saía noivo. Com estas e outras coisas veiu a noite de S. João. Jesus! — faz hoje annos!... e minha irmã saíra a passear pelo jardim, e n'um dos canteiros sentiu como gemidos lastimosos, e ao soar a meia noite viu abrir-se a terra, e saír um gigante com um bastão de pedra. Quiz ella correr e gritar, porém tinha pegada a lingua ao paladar, e pesavam-lhe os pés cem arrobas. O gigante offereceu-lhe dois cestos, um continha rosas, e o outro figos recemcolhidos e appetitosos. Minha irmã, que sempre fôra mui desejosa, tomou dois figos. Nunca o tivera feito! O gigante soltou um rugido espantoso, e desappareceu na terra com flores e figos, que em minha irmã se converteram em carvões esbrazeados. Antes de chegar o inverno, a pobre de minha irmã finára-se de ictericia que lhe deu o susto. Era como um sol!... Desde então deixámos a casa onde ninguem se atrevêra a viver, até que a comprou o ecclesiastico para se metter n'ella, como se tambem fôra bruxo. Asseguro-te, segoviana, que, ainda que a herdade esteja separada do jardim pelo muro, quando chega esta hora...

As visinhas, machinalmente, escutaram isto com supersticioso temor. Passou um mocho, e derribou algumas folhas das arvores. Todas as da herdade deram um grito doloroso, e fugiram para casa como passaros espantados.

(Continúa)

AMPHORA DE BARRO GROSSEIRO

DE UM METRO DE ALTURA, ACHADA NAS RUINAS DA ANTIGA CETOBRIGA

Que razão de conveniencia moveria os antigos a darem a estes vasos uma fórma tal, que para estarem perpendiculares carecem de outra base? Não acho nenhuma, que seja acceitavel, o que me não maravilha, porque em materia de usos e costumes, em todos os povos ha coisas, da *existencia* das quaes a unica razão que póde dar-se, é *terem assim existido:* e o artifice romano, que fez esta amphora, responderia á nossa pergunta, pouco mais ou menos, n'estes termos: *isto foi feito assim, porque sempre assim se fez*. Muito bem: o homem não queria, nem talvez sabia innovar, copiava da obra antiga a obra nova, imitava o typo tradicional, e por mais que os annos corressem, a fórma não variava, porque os annos não mudam estas coisas; e quando não ha quem as mude, as obras feitas dois mil annos depois tem o mesmo typo das que foram feitas dois mil annos antes.

As amphoras serviam para liquidos e solidos, e *Columella*, natural de *Cadiz*, que escreveu ha mais de mil e oitocentos annos, diz, que os *Gaditanos* exportavam as azeitonas em amphoras cheias até ao gargalo, *usque ad fauces*. Ainda hoje os *gaditanos* exportam em amphoras a famosa azeitona de *Sevilha:* e isto prova que entre os selvagens de hoje, *digo*, que entre os oleiros de hoje, e os do mundo antigo, ha seculos, e mais nada!

G. X.



Na sala das antiguidades da bibliotheca nacional de Lisboa, ha uma amphora de barro que tem 74 centimetros de altura.

Pertenceu ao douto antiquario, D. fr. Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora.

EXEMPLOS CLASSICOS

Tenho achado, que por v. m. ser de bom agradecer, quiz achar em mim que *agradecesse*. Eu cuidava que os meus *procedimentos*, quando muito, alcançassem *o* perdão, *o* favor nunca.

Estou cercado de tolos, como dirá o portador (e entre eu tambem na conta). Veja v. m. que *asado* estou para me haver com um discreto! Parece-me que ámanhã, ás nossas horas, poderemos bem conferir quaesquer idéas. Não convido, peço que *seja*. Ouviremos, seremos *ouvido*. *(Carta de D. Francisco Manuel de Mello, ajustando vistas com um amigo)*.

Note-se que *ajustar vistas*, é o que á franceza chamâmos hoje *pedir uma entrevista*. E reparem bem os principiantes na construcção elliptica, e epistolarmente concisa d'esta carta; assim como nas palavras que pozemos em gripho, para que se note tambem a sua propriedade, e a vernaculidade da syntaxe.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.